



O “cabra macho” veste saia: novas masculinidades no cenário patriarcal

The “cabra macho” wears a skirt: new masculinities in the patriarchal scenario

Jorge Luis Pineda Garcia¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3317-6681>

Simone Grace De Barros²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3491-2940>

[**resumo**] Existe uma discussão crescente na mídia e no jornalismo especializado em moda, que sugere uma maior aproximação por parte do público masculino à adoção da saia como vestimenta. No entanto, no nordeste brasileiro, visualizar homens vestindo a peça continua sendo um fato esporádico. Portanto, nosso trabalho buscou dar visibilidade real aos usuários de saia masculina, estabelecendo a cidade do Recife como ponto de referência para nossas investigações. Os estudos concebidos sobre o masculino (Connell, 1995; Kimmel, 1997) e sobre a história regional (Albuquerque, 1999, 2009; 2013) foram as bases teóricas para este trabalho, o qual se guiou pelos seguintes questionamentos: quem são esses homens, que espaços ocupam e quais são as adversidades que enfrentam por usarem uma peça tida como feminina no imaginário coletivo? Concluiu-se, assim, que as particularidades que acompanham o ato de vestir uma saia masculina estão ligadas ao contexto, à educação e à cultura próprios da região, sendo o histórico patriarcal da cidade um fator determinante nas novas masculinidades.

[**palavras-chave**] **Saia masculina. Novas masculinidades. Patriarcado.**

[**abstract**] There is a growing discussion in the media and specialized fashion journalism that suggests a greater inclination on the part of the male audience towards adopting skirts as attire. However, in the northeastern region of Brazil, seeing men wearing this garment remains sporadic. Our work aimed to bring real visibility to male skirt wearers, and we established the city of Recife as a reference point for our investigations. Studies on masculinity (Connell, 1995; Kimmel, 1997) and regional history (Albuquerque, 1999, 2009, 2013) served as the theoretical foundation for this research, which was guided by the following questions: who are these men, what spaces do they occupy, and what are the adversities they face for wearing an item considered feminine in the collective imagination? It was concluded that the specifics accompanying the act of wearing a male skirt are linked to the region's context, education, and culture, and that the city's patriarchal history still influences new forms of masculinity.

[**keywords**] **Men's skirt. New masculinities. Patriarchy.**

Recebido em: 14-06-2023

Aprovado em: 25-09-2023

¹ Doutorando em Design pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, na linha de pesquisa Design, Cultura e Artes. E-mail: jorgepinedagarcia@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4490506308295652>.

² Doutora em Design e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora adjunta do Departamento de Design e no PPG em Design da UFPE. E-mail: simone.grace@ufpe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7164428104501210>.

Introdução

A cada nova semana de moda pelo mundo, observamos um crescimento de imagens de homens fazendo uso de saias³. Importantes grifes internacionais, como Jean-Paul Gaultier, Kenzo, Burberry, Gucci (Figura 1), Dolce & Gabbana, Louis Vuitton, entre outras, têm consolidado na consciência da moda a imagem masculina vestindo a peça. No Brasil, também não é diferente. A saia masculina aparenta ter alcançado uma presença garantida nas grandes passarelas. Existe uma constante exposição da peça nos meios de comunicação, sugerindo uma maior aceitação por parte do público masculino à adoção de roupas consideradas femininas. Entretanto, o que podemos encontrar nas ruas brasileiras, mesmo de grandes metrópoles, apresenta-se de maneira diferente. Visualizar homens usando tal indumentária é, ainda, uma situação excepcional.

FIGURA 1 - GUCCI MASCULINO AW2023



FONTE: <https://i-d.vice.com/en/article/88qpdk/menswear-skirts-trend-aw23> (2023).

³ Cf. Fashion in motion/ Men in Skirts. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zer3jLgt9LQ&t=24s>. Acesso em:

De fato, existem cada vez mais opções de roupas e estilos para o guarda-roupa masculino. É justo dizer que a estética dos homens tem se transformado no decorrer das últimas décadas. Contudo, ao analisarmos o cotidiano, percebemos que as formas e modelagens seculares da vestimenta dos homens são predominantes.

Para nossa pesquisa foi localizado e delimitado territorialmente o campo empírico da coleta de dados e das entrevistas, as quais aconteceram na cidade de Recife, capital do estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. A cidade foi escolhida por possuir uma cultura ativa, rica e diversificada. A multiculturalidade da capital pernambucana possibilita um cenário fecundo e interessante para desenvolver estudos no campo das Ciências Sociais. Buscamos, em nossa investigação, dar visibilidade real aos usuários de saia da cidade, pessoas que vivem sua masculinidade de uma forma diferente. Desta forma, nosso objeto de estudo se trata de sujeitos residentes na cidade do Recife, que agregam ao vestuário e ao cotidiano o uso da saia como artefato da vestimenta masculina.

Sendo assim, a pesquisa foi construída a partir de uma abordagem dialética, pois analisamos as relações da indumentária, nomeadamente a saia, com nossos sujeitos de pesquisa e seu contexto sociocultural. O objetivo foi identificá-los, reconhecer motivações para suas escolhas, assim como os obstáculos e dificuldades de usarem uma peça tida como feminina na sociedade local. A população pesquisada foi constituída por quarenta e um homens recifenses. Para a obtenção dos dados, optou-se pela netnografia, complementada por entrevistas.

O tema ainda é visto como controverso para a sociedade brasileira. Nosso objetivo é oferecer contribuições teóricas que possam embasar intervenções de profissionais da moda e pesquisadores das Ciências Sociais, fomentando estratégias para facilitar a interação social entre diferentes públicos.

Por meio desta pesquisa, foi possível traçar um perfil que permitiu entender melhor traços característicos e marcantes dos usuários. Os resultados mostraram que as particularidades que acompanham o ato de vestir a peça estão ligadas ao contexto, à educação e à cultura local. A cidade do Recife ainda carrega o peso de um sistema patriarcal, no qual os estereótipos relacionados ao machismo estão arraigados na cultura, perpetuando o tabu que ainda regulamenta a indumentária masculina. Tal realidade deixa pouco espaço para que se possa explorar novas formas de masculinidade através da vestimenta.

Estudos sobre o masculino: o surgimento de uma crise

As recentes transformações nos papéis de gênero, que motivam novas formas de organização social, tornaram a masculinidade um relevante campo de estudo para pesquisadores. Nas últimas décadas, observamos um aumento considerável nos estudos sobre o masculino dentro dos diversos contextos acadêmicos. A maior parte dos autores indica a significativa mudança que os homens vêm atravessando socialmente, assim como as diferentes tipologias de homem que podem variar, dependendo das circunstâncias e da cultura do indivíduo.

Os estudos sobre o masculino, iniciados no século passado, têm contribuído para uma maior compreensão da mudança que os homens vêm atravessando em seu entorno social. Gómez (2011) divide esses estudos, cronologicamente, em três diferentes ondas. A primeira teve início na década de 1970, quando uma variedade de estudos foram conduzidos por maridos ou companheiros das feministas daquele período, que colaboravam com o movimento. Eram grupos de homens antissexistas que discutiam suas relações com o gênero feminino. Welzer-Lang (2001) nota que, anos depois, esses mesmos homens se definiriam como pró-feministas na Europa, caracterizados por manifestar sua solidariedade com as análises feministas e respeitar a autonomia do movimento das mulheres. Dentro desta primeira onda, que o autor qualifica como “nebulosa antissexista”, surgem novos grupos de homens estudiosos que aceitam, total ou parcialmente, teorias feministas. Alguns buscam uma masculinidade tradicional através de arquétipos e sonhos, outros se centraram mais na violência masculina. Surgem, ainda, algumas redes de homens que procuram compreender melhor a alienação produzida pelas relações sociais de sexo e pela dominação masculina.

Já a segunda onda emergiu na década de 1990, quando os avanços na matéria permitem detalhar diferentes tipologias de homem, portanto, é reconhecida a diversidade masculina. Assim, Connell (1995) divide os homens em duas categorias: hegemônicos e subalternos. A masculinidade hegemônica se refere à dinâmica cultural por meio da qual um grupo de homens reivindica e sustenta uma posição dominante frente às mulheres e outras formas marginalizadas de homens. Ainda que, estatisticamente não represente a maioria, certamente a masculinidade hegemônica é normativa, pois incorpora a forma mais “honrada” de ser um homem. Para Kimmell (1997), se o homem hegemônico tivesse um rosto, esse seria branco, ocidental, de classe dominante, provedor, heterossexual, forte e viril.

Mas o fato é que são poucos os homens que conseguem atingir esse ideal, o que gera amplas frustrações nos indivíduos que são excluídos deste modelo utópico. Boa parte da literatura científica sobre o masculino existente na atualidade se concentra, sobretudo, nas figuras subalternas: os homens negros, pobres, mestiços, operários, homossexuais e outros, que, pelo fato de serem subalternos, não deixam de sustentar uma posição dominante nos seus espaços de atuação.

Durante esta segunda onda de estudos, nascem várias teorias que propõem a ideia de que os rigores do patriarcalismo não recaíram apenas sobre as mulheres, mas também sobre muitos homens que não se identificam com um estereótipo determinado.

De acordo com Gomez (2011), atualmente, encontramos-nos na terceira onda dos estudos sobre o masculino. Esses têm contribuído generosamente para desmascarar a figura do homem que tem poder absoluto. As críticas aos modelos de tipologias rígidas fizeram com que o conceito de virilidade começasse a perder força. Boa parte da literatura atual coloca, no centro, a ideia de que a masculinidade hegemônica não equivale a um modelo de reprodução social. As pesquisas contemporâneas, em grande parte, focam nos homens como sujeitos sociais particulares. Hoje, podemos falar não apenas de um tipo de masculinidade, e sim de masculinidades, no plural.

Com a fragmentação das masculinidades reconhecida no cenário científico, surgem teorias que apontam uma desorientação dos homens por não conseguirem encontrar um modelo identitário para descrever sua nova condição. Alguns autores, como Montesinos (2002), denominam de “crise da masculinidade”.

Um episódio em que a construção coletiva da identidade masculina encontra-se imersa em um processo de mudança cultural onde os princípios socioculturais da mesma, vão ficando em desuso. Isto provoca deslegitimação dos estereótipos sociais que nutrem o imaginário coletivo onde os homens construíam uma personalidade genérica que lhes permitia se diferenciar (Montesinos, 2002, p.38).

Os valores tradicionais que sempre guiaram as sociedades ocidentais estão sendo questionados e substituídos. Hall (1997) enxerga na crise de identidade masculina um processo de mudança mais amplo, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando as referências que proporcionavam estabilidade aos homens no campo social.

No contexto brasileiro, a crise da masculinidade também é um fenômeno familiar. Conforme Albuquerque (2013), uma desorientação das identidades masculinas já se vislumbrava no cenário local desde o começo do século XX, quando o desconforto dos brasileiros se manifestava diante das transformações sociais trazidas pela instalação da República. Foi como consequência desse desconforto e da crise gerada por ele que o Nordeste brasileiro e seu tipo regional tomaram forma. A partir desse momento, o homem nordestino foi inventado: avesso ao mundo moderno, às suas delicadezas e suas superficialidades. Um macho por excelência!

O Brasil virou mulher e o Nordeste virou homem

Ao se abordar o Nordeste, não reportamos apenas a um ponto no mapa do Brasil. Ao tratarmos desta região, fazemos referência a um conteúdo sociopolítico que identifica uma forma social de ser e de existir historicamente, com determinadas características que configuram um espaço peculiar. De acordo com Neves (2013), Nordeste é um conceito e, como tal, não é inocente. Trata-se de uma construção histórica. Assim sendo, é sempre preciso retornar a essa definição básica e tentar refazer o percurso de configuração desse conteúdo, conflitos e diferenças, destacando alguns pontos.

A construção da masculinidade nordestina também surge em meio a simbologias próprias da região. Segundo Albuquerque (2009), no início do século XX, a região que hoje conhecemos como Nordeste tomou forma a partir de práticas regionalistas e de discursos políticos caracterizados por uma ampla militância intelectual e cultural, com o objetivo de definir tanto a região quanto o seu povo. Esta iniciativa aconteceu frente às mudanças históricas posteriores à Primeira Guerra Mundial, as mesmas que representavam uma feminização social. Entre elas, podemos citar as novas relações laborais e uma nova legislação que outorgava proteção ao trabalho feminino. As mulheres ganhavam cada vez mais espaço

à medida que a industrialização avançava nas grandes cidades. Havia começado o declínio de uma ordem social que se estruturou, durante séculos, em torno do homem, do macho, do pai: o patriarcalismo.

A hegemonia do patriarcado estava em crise ao tempo em que um mundo feminino parecia se avizinhar. Existia uma clara tendência ao cosmopolitismo e, portanto, uma ameaça de perda das particularidades nacionais. A instalação da República e suas “características femininas” parecem ter incomodado especialmente as elites do antigo norte agrário (agora Nordeste), que viram diminuir seu poder econômico e político para o Sul. Ainda, segundo Albuquerque (2013), esse processo foi percebido pelas elites intelectuais como um rebaixamento dos dotes de resistência viril. Conforme Neves (2013), a República representava para o norte o fim da sociedade do império e a submissão aos novos chefes da República-Mulher. Em outras palavras, a República traz para a região uma subordinação a novos paradigmas:

Novas territorializações articuladas com o período imediatamente posterior à Proclamação da República, assim como novos fluxos migratórios, novos movimentos intelectuais e novas redes econômicas, associam-se neste momento para fornecer elementos à percepção de uma área em decadência, o nordeste, que se contrapõe a uma área em franca e vertiginosa ascensão, São Paulo ou, de maneira geral, o sudeste (Neves, 2013, p.7).

Existiam muitos indicadores de que a sociedade estava em um processo de feminização. Para Albuquerque, tal processo era evidenciado pela “nova” polidez dos costumes, pelos modelos educacionais, pela urbanização e as exigências crescentes de civilidade, bem como pela adoção de roupas europeias:

Aquela sociedade endurecida, rústica, autoritária, onde imperava o poder do macho, parecia dar lugar a uma sociedade de relações flexíveis, mais civilizadas, delicadas, e onde o feminino ameaçava tomar conta de todos os lugares antes reservados ao masculino (Albuquerque, 2013, p. 76).

Como consequência dessas “perigosas” mudanças, em 1924 foi fundado o Centro Regionalista do Nordeste, com sede na cidade do Recife. Essa iniciativa reuniu políticos e intelectuais dos estados vizinhos com o objetivo de debater e reforçar ainda mais a identidade do Nordeste e do homem regional, através da valorização das tradições.

O nascimento de um “macho”

As primeiras décadas do século passado são cruciais para entender a estruturação da masculinidade nordestina atual. Galdino (2012) menciona que, diante do processo de modernização instaurado na época, os sujeitos brasileiros subjetivavam novas formas de sociabilidade que provocavam uma verdadeira confusão na delimitação das fronteiras entre sexos.

Neste período, na tentativa de burlar a feminilidade que estava emergindo, intensificaram-se as discussões em torno de um discurso regional e uma figura masculina própria do Nordeste. Albuquerque (2013) diz que o movimento incentivou o regionalismo local a se explicitar em obras de arte e literatura, visando dar “expressão ao regional”.

Além de criar um discurso regionalista que pretendia definir a realidade nordestina e sua diferença em relação a outras realidades do Brasil, onde o modernismo e o cosmopolitismo urbano dominavam, havia uma proposta clara por parte do movimento de contribuir para traçar e fixar o perfil do homem da região.

Para alguns membros da elite intelectual da época, fazia-se necessária a presença de uma figura que garantisse a predominância política e econômica que a região havia perdido. Era preciso resgatar o patriarcalismo, não apenas como modelo familiar e de relação entre os “sexos”, mas como ordem social. Na opinião deles, a região Nordeste precisava de um modelo masculino que tivesse a capacidade de reagir com valor a esta feminização que o mundo moderno, a cidade, a industrialização e a República haviam inaugurado.

Conforme Santa Rosa Matos (2013), o nordestino foi, então, “inventado” e seus traços físicos, bem como suas características antropológicas, etnográficas e culturais foram definidas pela elite intelectual da região. Mas foi apenas nos anos 1930, por intermédio das obras clássicas da sociologia nacional de Gilberto Freyre e de uma vasta publicação artística, literária e ensaística, que a figura do homem do Nordeste se afirmou como um novo tipo regional brasileiro.

O cabra macho

A partir da militância regionalista e tradicionalista, e diante da “necessidade” de um homem voltado à preservação de um passado regional que estaria desaparecendo, o tipo nordestino começou a ser desenhado.

O nordestino foi inventado como um homem situado na contramão do mundo moderno. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos e masculinos. De acordo com Albuquerque (2013), o homem nordestino tinha o papel de trazer de volta aquele patriarcalismo em crise, de retirar sua região da situação de passividade em que se encontrava. Entre as definições atribuídas ao homem do nordeste, estão: “cabra macho”, “cabra da peste”, “homem de fibra” e “reserva de virilidade nacional”.

Os discursos regionalistas da época retratavam o homem regional como um indivíduo telúrico: endurecido e áspero, especialmente por ser fruto da adaptação a uma natureza rude, um homem forjado na luta contra o meio, contra a seca e a aridez. Nessas descrições, fica evidente que, ao falar do indivíduo regional e suas características, o discurso privilegia sempre a área do sertão:

Este homem era feito da mesma natureza à sua volta, por isso passa a ser descrito como um homem de fibra, homem tão resistente quanto a fibra do algodão. Homem capaz de enfrentar as mais terríveis dificuldades, como as pestes tão comuns nos sertões, por isto era também um cabra de peste. Era um cabra por ser como este animal, tão bem adaptado à natureza de pedra, seca, capaz de sobreviver comendo o que estivesse disponível (Albuquerque, 2013, p.171).

Esta natureza explicaria uma das principais características do nordestino: masculinidade e virilidade, pois, segundo a concepção da época, só um homem com essas qualidades poderia lidar com um meio tão hostil:

Só com uma exagerada dose de virilidade se conseguiria sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspera, árida, rude, traços que se identificariam com a própria masculinidade, por isso até a mulher sertaneja seria masculinizada (Albuquerque, 2013, p.172).

No discurso regionalista, a masculinidade nordestina se forjou na luta contra o meio natural, onde só os mais valentes, os mais machos e os mais “membrudos” conseguiriam sobreviver. O Nordeste não terá espaço para frágeis, delicados, afeminados ou débeis. Eles, simplesmente, não se encaixariam porque o mesmo meio os devoraria. Ser macho era, pois, a própria natureza do nordestino.

Outra característica do homem local que aparece nos discursos regionalistas está relacionada à hereditariedade cultural. Os textos da época mencionam que o comportamento, os valores e atitudes do povo nordestino são reflexo de sua formação cultural, marcada por um clima de constantes conflitos entre o colono europeu e os indígenas; entre os portugueses e os invasores de outras nações; e entre o homem e as feras do interior. Esse cenário de conflito constante teria sido responsável por uma das mais destacadas qualidades do homem nordestino: a valentia e o destemor frente às situações difíceis.

É assim, sob essa lente teórica e cultural, que a figura do nordestino vai ganhando uma imagem homogênea. É principalmente no campo do sertão que vai se buscar um modelo típico de masculinidade para ser generalizado para todo o ser regional. A partir da década de 1920, todos os tipos regionais com atributos masculinos (o cangaceiro, o senhor do engenho, o jagunço, o matuto, o vaqueiro, o coronel, o brejeiro, o sertanejo) serão agrupados a essa figura.

Desde então, essa forma rude de ser nordestino tem sido transmitida e perpetuada pela própria educação, principalmente através da família. Nos núcleos familiares nordestinos, os papéis masculino e feminino começam a se separar desde a mais tenra idade:

Os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas ‘naturais’. Neles, a masculinidade é, desde cedo, definida pela competição, pela disputa, em que se pretende derrotar outro homem, pela força ou pela astúcia (Albuquerque, 2013, p. 219).

A centralidade do falo na cultura nordestina é inculcada desde muito cedo. Essa divisão entre os sexos e a supervalorização do órgão masculino acontece já na primeira infância e é relatado por Feitosa (1980), quando narra a história do seu irmão, que gostava de brincar com bonecas. Esse gosto proibido pelas “coisas de menina” fazia seu irmão escutar, da própria mãe, em diversas ocasiões, frases como: “menino que brinca de boneca vira mulher” ou “se brincar de boneca, cai o pintinho”. Este discurso mostra a centralidade do falo masculino na sociedade

e na família nordestina. Quando o irmão é repreendido por fazer algo considerado “errado”, aparece uma frase punitiva que o ameaça com a possibilidade de virar mulher e perder o membro, como se fosse a pior condenação possível.

Compreender o contexto da emergência do homem nordestino é indispensável para desnaturalizar a figura burlesca do “cabra macho” imposta no início do século XX e pensar outras formas possíveis de ser homem na cidade de Recife.

Hoje, grande parte das novas gerações masculinas no Nordeste não se reconhece na virilidade caricatural do “cabra macho”. Esses homens representam uma nova geração que almeja deixar os estereótipos para trás. No entanto, eles ainda estão inseridos em uma sociedade que, conforme observado por Albuquerque (2009), continua a cobrar dos homens uma postura viril.”:

O Nordeste é uma sociedade onde a coragem, o destemor e a valentia pessoal ainda influenciam no status social dos indivíduos, no respeito que este teria do grupo, daí a necessidade permanente de provar sua masculinidade, sua macheza, pela realização de atos ditos de coragem (Albuquerque, 2009, p.182).

Apesar dessa cobrança, a cidade do Recife está se tornando o cenário de uma mudança nos valores tradicionais. Aos poucos, as novas dinâmicas sociais estão abrindo espaço para novas formas de ser homem. A moda, com todo seu poder de refletir a sociedade e seu tempo, também tem acompanhado essa transformação. As mudanças nos últimos anos no guarda-roupa masculino têm sido muitas: novos tecidos, novas peças, muitos acessórios e mais cores. Barreiras estão sendo quebradas através da roupa.

Entretanto, nas ruas da cidade e em nosso cotidiano, as formas e modelagens seculares da vestimenta dos homens quase sempre permanecem. A saia masculina ganhou um espaço que não tinha anteriormente; não obstante, observar homens vestindo tal peça continua sendo uma situação excepcional. O tabu que ainda regulamenta a indumentária masculina está cravado na nossa sociedade, a ponto de a maioria dos homens ainda se sentir constrangido e desconfortável ao usar saia publicamente. Os homens recifenses que utilizam o indumento são poucos, têm um perfil particular e vestem a peça em locais específicos e sob determinadas condições.

O estudo: o cabra de saia

Nas últimas décadas, o imaginário relativo à identidade masculina no Brasil tem se expandido cada vez mais. Atualmente, os homens, encorajados por um discurso que, com frequência, faz alusão às novas masculinidades, têm demonstrado uma crescente preocupação com a aparência física e têm incorporado ao guarda-roupa peças de vestuário que, na época passada, teriam sido inconcebíveis. Entretanto, visualizar homens na cidade de Recife usando peças de vestuário consideradas femininas, como saias, é uma imagem pouco comum.

A intenção desta investigação foi identificar e analisar esses indivíduos que usam saia na capital pernambucana com intuito de reconhecer as motivações para suas escolhas e os obstáculos e dificuldades de usarem uma peça tida como feminina na sociedade local.

Para isso, dividimos a pesquisa em duas partes. A primeira teve como base a rede social Instagram. De acordo com Ferraz (2019), as mudanças psicossociais ocasionadas pela internet requerem dos cientistas a criação de outras maneiras de estudo de seus fenômenos. Num cenário que se torna cada vez mais digital, os métodos de pesquisa precisam acompanhar a realidade. Sendo assim, o aplicativo foi a nossa ferramenta para analisar e interpretar as relações em torno da saia e dos usuários. A escolha pela modalidade da netnografia aconteceu diante do delicado momento sanitário ocasionado pela pandemia da Covid-19. A adoção da técnica viabilizou este trabalho e possibilitou a aproximação ao nosso objeto de estudo mesmo em contexto de distanciamento social.

Para realizar a pesquisa, definimos um programa de participação por meio da rede social, em que foi lançado um convite para que todos aqueles que fossem ou conhecessem um homem com as características requisitadas no estudo fornecessem o nome do perfil (de Instagram) do indivíduo. Isso nos permitiria ter acesso a eles e conduzir a pesquisa.

Apenas duas características foram solicitadas aos contatos iniciais: que os homens indicados tivessem sido vistos em alguma publicação usando saia e residissem na cidade do Recife.

Por entender que alguns dos perfis fornecidos pelos participantes estavam fora do escopo deste estudo, foi necessário aplicar um filtro. Para a nossa análise, foram desconsiderados homens usando saia em contexto de carnaval, pois percebemos o carnaval brasileiro como uma realidade com ares de fantasia, onde se faz presente a inversão e subversão de valores. Também não foram considerados para este estudo homens usando vestimentas eclesiais, como batinas, túnicas, ou sotainas, por entender que esse tipo de vestimenta é utilizado com fins simbólicos associados à religião.

Alguns dos perfis fornecidos pelos participantes do programa continham fotografias de homens usando vestidos. Mesmo estando cientes que saia e vestido são peças de vestuário distintas, optamos por considerar também esses perfis para nossa análise. Nosso entendimento foi de que esses homens também vivem sua masculinidade de uma forma diferente e enfrentam os mesmos desafios que os homens usuários de saias.

Para a análise dos sujeitos, foi elaborada uma tabela comparativa contendo dados demográficos e atitudinais (Quadro 1). As categorias consideradas estão a idade dos sujeitos, estado civil, ocupação, raça/cor, orientação sexual, lugares onde usam saia, tipo de saia usada, entre outros. O acesso aos perfis dos participantes aconteceu entre fevereiro e julho de 2021.

Nossa postura como pesquisadores foi a de “lurkers”. De acordo com Fragoso, Reuero e Amaral (2011), o termo “lurker” é utilizado na técnica netnográfica para descrever o pesquisador que não está inserido no ambiente de pesquisa, não tem contato direto com os participantes e, portanto, nosso trabalho nesta primeira parte limitou-se apenas a observar silenciosamente nosso objeto de estudo com o objetivo de interferir o mínimo possível em suas práticas.

QUADRO 1. CORPUS DA PESQUISA NETNOGRÁFICA

NOME DO PERFIL	COR/RAÇA	ORIENTAÇÃO SEXUAL	EVENTO/LUGAR DO REGISTRO	ANÁLISE DO VISUAL
Caio	Branco	Homossexual	Festival de musica	Vestido preto, tipo jardineira, comprimento até o tornozelo. Tênis branco e meia preta
simarkes	Branco	Homossexual	Foto conceitual	Vestido amarelo comprimento até o joelho, bota. Barba e bigode
pequenoteatro	Branco	Homossexual	Seu casamento	Saia tipo kilt cinza com camisa azul, sapato formal preto
P3DROGG	Branco	Homossexual	Festival de musica	Camiseta vestido preto com marrom. Barba e óculos de sol
luanqueiroga	Branco	Homossexual	Universidade	Vestido curto azul, bermuda baixo o vestido
riofelipe	Branco	Homossexual	Evento de moda	Saia bermuda estampada com camiseta branca e tênis branco. Barba
Durbrasil	Branco	Homossexual	Foto editorial	Vestido comprimento até o joelho com listras. Barba
augustsouza	Branco	Homossexual	-	Vestido preto até o joelho, pochete vermelha, boina, bota
albeertoj	Branco	Homossexual	Foto editorial	Vestido branco com cinto de couro preto
Phynocomph	Pardo	Homossexual	Festa drag	Vestido dourado, meia de rede e tênis preto. Barba
lucasdevass	Pardo	Homossexual	Em casa	Saia comprida, camiseta preta e tênis. Barba
Registro de : loretoonline	Branco	-	Evento cultural	Saia ampla colorida com camiseta branca e chinelo. Bigode e barba
josexvr	Negro	Homossexual	Festival de musica	Saia preta, casaco preto plussize
o_rabelo	Pardo	Homossexual	Rua	Saia até o joelho vermelha com camiseta sem manga preta, chapéu preto e óculos escuros. Barba e bigode
Theuscarlos	Branco	Homossexual	Show Johnny Hooker	Saia curta preta, camiseta preta com transparências, bota
joabymoda	Branco	Homossexual	Bar LGBTQ+	Vestido cinza sem manga
rodrigo_albuquerque	Pardo	Homossexual	Bar	Saia comprida estampada com regata estampada. Barba
eusouedugonçalves	Branco	Homossexual	Foto editorial	Saia preta comprida, camiseta preta com tênis
yorrnan	Branco	Homossexual	Bar	Saia preta comprida, camiseta sem manga preta, bota cinza
onelastblue	Branco	Homossexual	Foto editorial	Vestido preto de penas, sandália.
Keenny	Negro	Homossexual	Bar	Saia preta comprida com camiseta listrada e tênis
Famigeradojoao	Branco	Homossexual	Festival de música	Saia curta preta, sem camiseta, jaqueta jeans e colar
otirboaj	Pardo	Homossexual	Festival de música	Saia curta marrom, sandália melissa com uma blusa moletom
marcelomendx	Pardo	Homossexual	Foto editorial	Saia preta plissada, camiseta preta, bota. Bigode.
RICARDOMARINHO	Branco	Homossexual	Foto editorial	Saia preta até o joelho, plissada, com camiseta preta e chapéu preto, bota
wwweine	Pardo	Homossexual	Foto editorial	Saia preta comprida até o chão, camiseta amarela e salto alto
elvysp	Branco	Homossexual	Foto em casa	Saia curta preta com blazer roxo e cinto preto, bota preta
dauguxto	Branco	Homossexual	Bar LGBTQ+	Saia branca plissada camiseta colorida
TULIUZ	Branco	Homossexual	Rua	Vestido laranja até o joelho. Bigode
gbrldiniz	Branco	Homossexual	Bar LGBTQ+	Saia curta com calça, camiseta sem manga e papete
andreaguianews	Negro	Homossexual	Evento acadêmico	Saia envelope cinza comprida, camiseta preta e tênis
horacout	Branco	Homossexual	Foto editorial	Vestido azul e amarelo com gola tipo camisa, bota vermelha
romerferro	Branco	Homossexual	Premiação artística	Saia laranja, com blazer cinza e bota
victriacerda	Negro	Homossexual	Foto editorial	Vestido vermelho comprido com detalhe em branco. Barba
b0neka	Negro	Homossexual	Foto editorial	Vestido marrom curto com abertura na perna, papete
luizkaique	Pardo	Homossexual	Bar LGBTQ+	Vestido curto preto, meia rede e bota
marcelorodjr	Branco	Homossexual	Evento de moda	Vestido curto sem manga, jaqueta amarrada na cintura e tênis. Barba
lucasluca19	Negro	Homossexual	Rua	Blusa branca, saia amarela, salto alto branco. Barba
imarcop_	Negro	Homossexual	Foto editorial	Vestido preto estampado com cinto, papete
euamatos	Branco	Homossexual	Bar LGBTQ+	Vestido preto. Barba
iconicrai	Pardo	Homossexual	Festa LGBTQ+	Vestido branco, botas. Barba branca

FONTE: Elaborado pelos autores (Dados coletados em 2021).

Entendemos que, dada a natureza deste trabalho, a pesquisa não pôde ser executada totalmente na virtualidade. Consequentemente, na segunda etapa do trabalho, foram selecionados alguns perfis para entrevista, com o objetivo de captar, a partir das falas dos sujeitos, alguns dados subjetivos e obter maiores informações sobre as experiências, os valores e o contexto em que se encontravam os entrevistados.

Escolhemos nos apoiar na entrevista como instrumento, uma vez que ela propicia, através do contato com os indivíduos, a possibilidade de extrair do discurso dos analisados informações que a pesquisa netnográfica não proporcionou. As entrevistas realizadas foram semiestruturadas e aconteceram no período entre 26 de julho e 11 de agosto de 2021.

O método de análise utilizado nas entrevistas foi a análise qualitativa. De acordo com Fernandes (2015), esta análise é caracterizada por buscar uma apreensão de significados na fala dos sujeitos, interligada ao contexto em que eles se inserem e delimitada pela abordagem conceitual do pesquisador.

As entrevistas foram realizadas à distância, por intermédio de plataformas digitais e telefone. Para Leitão (2021), a entrevista à distância é especialmente interessante em pesquisas cuja conversa pode envolver constrangimento, sendo preferível um grau de distanciamento a fim de motivar a participação e a espontaneidade dos entrevistados. Segundo a autora, pelo fato de os entrevistados estarem em um espaço de segurança para eles, as conversas por vídeo tendem a ser mais diretas do que as entrevistas presenciais. Este formato de entrevista também facilitou e agilizou o encontro com os participantes, pois a situação sanitária da época não tornava viável um encontro presencial.

Para a composição da amostra, foi utilizado o critério proposital, também chamado por Seidman (2013) de “amostra por conveniência”. Os perfis a serem entrevistados foram escolhidos conscientemente, dessa forma, nossa escolha foi baseada em uma única característica, seguindo uma pergunta norteadora: quem posta mais fotos usando saia?

Filtramos nos perfis de Instagram usuários que possuíam maior número de postagens utilizando a peça, com a expectativa de que poderiam possibilitar entrevistas mais ricas, com conteúdo profundo relacionado aos objetivos do nosso trabalho. A avaliação dos dados seguiu as três etapas principais apresentadas por Bardin (2010), sendo elas: pré-análise; análise do material; e tratamento dos dados e interpretação.

Ao todo, foram quatro pessoas entrevistadas em profundidade (Quadro 1), com idade entre os 22 e 34 anos. Todos eles são homens, moradores da cidade do Recife que usam saia em seu cotidiano. Cada entrevista durou aproximadamente 90 minutos, totalizando 5 horas e 39 minutos de gravação. Por motivos de privacidade e a pedido de alguns deles, os nomes dos entrevistados foram substituídos por nomes de modelos de saia.

QUADRO 2. ENTREVISTADOS

ENTREVISTADO	IDADE	OCUPAÇÃO	ORIENTAÇÃO SEXUAL	ESTADO CIVIL
BALONÊ	25	ESTILISTA	HOMOSSEXUAL	CASADO
MIDI	34	DESIGNER	HOMOSSEXUAL	SOLTEIRO
GODÊ	22	ESTUDANTE DE DESIGN	HOMOSSEXUAL	SOLTEIRO
TULIPA	24	ESTUDANTE DE SOCIOLOGIA	HOMOSSEXUAL	SOLTEIRO

FONTE: Elaborado pelos autores (Dados coletados em 2021).

Algumas descobertas

Ao iniciarmos nossa pesquisa, não tínhamos ideia de que a cor da pele dos indivíduos poderia fazer diferença em nossas descobertas. Entretanto, a relação de raça/cor dos sujeitos se provou relevante, sendo o primeiro dado a ser analisado, uma vez que a maioria dos indivíduos que postavam fotografias usando saias era de cor branca.

De acordo com Pernambuco (2015), a população urbana residente no estado, classificada por raça ou cor, está composta da seguinte maneira: 32% dos homens são brancos, 58% são homens pardos, 9% são pretos e uma porcentagem muito pequena são homens indígenas e amarelos. A nossa pesquisa de homens usuários de saia apresentou uma proporção muito diferente. A porcentagem de homens brancos representou 61% do nosso universo, enquanto pardos e pretos são minoria na hora de se exibir no Instagram usando a peça, apenas 39%. Se bem é verdade que, nas últimas décadas, as críticas aos modelos de tipologias rígidas têm contribuído à desmitificação da masculinidade hegemônica, é um consenso que este modelo, mesmo estando longe de representar a maioria, continua sendo normativo na nossa sociedade. É impossível ignorar que, quando Kimmell (1997) define as características do homem hegemônico, este sempre se apresenta como um homem branco. Seguindo esta lógica, toda figura masculina de outra raça/cor estaria classificada como uma figura subalterna.

Por outro lado, a violência na sociedade brasileira ainda é um tema preocupante para os homens que têm atitudes “desviantes”. De acordo com o portal da Folha de Pernambuco (2018), o Brasil é o líder mundial de violência contra transgêneros, e Pernambuco é o oitavo estado mais violento do Brasil para a população LGBTQIAP+.

O entrevistado Balonê descreve uma situação pessoal que serve para exemplificar que em uma sociedade ainda intolerante, qualquer ato transgressor, como vestir peças que ainda são associadas ao gênero feminino ou à homossexualidade, pode ter consequências perigosas.

Meu vizinho era bicha assumida e sempre foi a piada do bairro. Coitada, ela apanhava o tempo todo. Um dia, cortaram o cabelo dela com faca porque fez chapinha, lembro dela chorando desesperada (Balonê).

No entanto, a situação se agrava quando olhamos as estatísticas mais de perto e observamos que a porcentagem de homens pretos e pardos violentados é consideravelmente superior em relação a de homens brancos. Para esses homens, com maior susceptibilidade à violência, usar uma peça feminina pode chegar a revelar uma identidade estigmatizada e, conseqüentemente, atrair algum tipo de agressão que, segundo estatísticas, pode levar à morte. Seguindo essas premissas, interpretamos que um homem preto ou pardo que evidencia uma atitude transgressora (como o uso de saia) se encontra mais propenso a sofrer ataques violentos que um homem branco. Atribuímos, então, essa disparidade nos dados, que evidenciam mais homens de raça branca vestindo saia, a um problema estrutural que torna as outras categorias raciais mais vulneráveis.

Outra descoberta interessante está relacionada à orientação sexual dos indivíduos analisados. Tomando como referência outras pesquisas sobre homens usuários de saia no Brasil, já prevíamos que a maioria dos homens fosse parte da comunidade LGBTQIAP+, porém era esperado a presença de homens heterossexuais na pesquisa, mas isso não aconteceu. O nosso universo foi conformado em sua totalidade por homens homossexuais. Este achado se torna ainda mais interessante quando é comparado com a pesquisa de Miranda, Casotti e Chevita-rese (2019). No estudo, os autores analisam o discurso de moda de homens usuários de saia na cidade de Rio de Janeiro e apresentam um universo de pesquisa constituído por diversas orientações sexuais, sendo 25% dos homens analisados por eles heterossexuais.

No Recife foi diferente, o alcance da nossa investigação não possibilitou saber com convicção porque os homens heterossexuais não utilizam a peça na cidade. Poderia haver diferentes explicações, e a rejeição da saia pode estar relacionada a uma falta de percepção funcional da peça. Provavelmente seria mais confortável, em termos funcionais, usar um sistema de vestimenta fechado como bermudas ou shorts, pois o usuário teria maior liberdade de movimento, sem precisar se preocupar em mostrar partes do corpo que não quer mostrar ou mesmo suas roupas íntimas. Essa falta de percepção funcional da saia poderia ser o motivo pelos quais os homens heterossexuais não vestem a peça. No entanto, esta teoria se aplicaria da mesma forma para todos os homens, independentemente da sua orientação sexual.

O fato é que 100% do nosso universo de pesquisa pertence à comunidade LGBTQIAP+. Esse cenário pode ser justificado pelo que Albuquerque (2013) chama de “falocentrismo nordestino”, que, segundo os entrevistados, é uma constante na cidade do Recife.

A figura masculina até hoje é considerada superior, tem uma posição dominante frente às mulheres e frente aos homens diferentes. Qualquer tipo de homem que fuja do padrão está destinado a ter um papel marginalizado (Midi).

As pessoas tendem a achar que, se você usar saia, automaticamente quer ser mulher (Godê).

Segundo o mesmo autor, a centralidade do falo na sociedade nordestina é muito evidente, e os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas naturais. Esses códigos são transmitidos e perpetuados pela própria educação familiar, na forma do que Bourdieu (1989) chama de *habitus*. O autor explica o comportamento dos indivíduos como algo engendrado e regulado por disposições fundamentais que são internalizadas através da socialização primária.

Recife, historicamente, é uma cidade de machos. O machismo está presente nas estruturas da maioria das famílias pernambucanas. (Midi).

Os recifenses têm uma identidade e personalidade forjadas sob condições sociais específicas da região e, provavelmente, se encontram ainda longe de se sentirem confortáveis usando uma peça tida como feminina em uma sociedade onde, segundo Albuquerque (2013), uma postura viril é ainda uma qualidade geradora de respeito.

Recife é uma cidade tradicional, com cara de grande metrópole, mas quem conhece, sabe que as pessoas têm mentalidade de interior: não é tolerante, não é flexível, não é aberta a mudanças (Tulipa).

Outra categoria contemplada na nossa pesquisa foi a espacial. Foram analisados os lugares e eventos onde os homens recifenses vestem a saia (Quadro 3). Chama a atenção a baixa incidência de registros de homens usando saia em espaços públicos (fora do meio acadêmico, artístico e LGBTQIAP+): apenas 7% das postagens aconteceram em ruas, centros comerciais e locais expostos ao público geral.

QUADRO 3 - LOCAIS DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Lugar/evento	Porcentagem de registros
Locais privados (casas particulares e estúdios de fotografia)	34%
Bares e festas da comunidade LGBTQ+	24%
Festivais de música e shows	20%
Ambientes acadêmicos (universidades, congressos e seminários)	15%
Ruas, centros comerciais e locais expostos.	7%

FONTE: Elaborado pelos autores (Dados coletados em 2021).

Como visto até aqui, a “macheza” ainda é um elemento que influencia no *status* social dos indivíduos nordestinos. Diante dessa construção social, qualquer ato transgressor no espaço público pode representar um risco.

A seleção de lugares “discretos” para vestir uma saia masculina é um ato de auto-proteção. Pereira e Ayrosa (2010) alertavam o perigo iminente que sofria um indivíduo ao expor uma identidade estigmatizada. De acordo com os autores, o consumo de itens considerados símbolos gays, como a saia, poderia atrair para o indivíduo algumas consequências violentas. Esse risco explicaria a preferência destes homens por espaços mais seguros.

Quase não uso saia fora de casa, não sou doido (Godê).

Eu não pego ônibus de saia, não ando sozinho na rua de saia. Quando frequentava a universidade, eu pegava o ônibus vestindo calça e me trocava só no campus (Midi).

Tento evitar essas situações (Tulipa).

Pontes (2020) menciona que as grandes metrópoles brasileiras, como Recife, ofertam espaços sociais legítimos para clientes de identidades estigmatizadas. Esses espaços despertam um sentimento de identidade e convivência nos indivíduos e o tornam um espaço protetor contra atitudes agressivas.

A preferência dos homens recifenses que usam saia por espaços seguros, como bares, festivais de música e ambientes acadêmicos, não é coincidência; ela acontece na busca de segurança, tolerância e aceitação.

Em nossa análise também observamos o conjunto visual composto por outras peças de vestuário no momento de vestir a saia. Pudemos identificar um detalhe interessante: a maioria dos homens em questão complementou a saia/vestido com algum elemento tosco, mais grosseiro, mais rude. Um elemento que tornava seu visual menos feminino. Para nossa análise, denominamos de *elemento contraste*, pois representa uma oposição à natureza “delicada” da saia. Neste sentido, os nossos achados convergem com Miranda, Casotti e Chevitaese (2019) quando enxergam, nos elementos constitutivos da saia de homem, uma “masculinização” da peça, tentando dissociá-la da sua relação com o feminino.

Badinter (1993), em seus estudos sobre a construção das identidades masculinas, explica como em uma sociedade patriarcal, como Recife, fundamentada em ideais machistas, os homens precisam operar a partir da negação. Para a autora, o “título” de “homem” é sempre provisório e obtido a partir de uma série de negações daquilo que é tido como feminino. Neste caso, o elemento contraste no vestuário simbolizaria essa negação e seria o responsável por “masculinizar” o conjunto visual. Seria representado por acessórios geralmente associados aos homens (Figura 1). Em nossa análise, foi muito recorrente encontrar uma associação da saia com botas masculinas estilo militar, sapatos masculinos, camisas formais masculinas e jaquetas de couro também figuraram como elementos opostos à saia. Foi pouco comum encontrar no conjunto visual a mistura de dois elementos de vestuário associados à figura feminina, por exemplo, saia mais salto alto, saia mais sandália feminina ou saia mais bolsa. Ou seja, a associação da peça quase sempre negociava com artefatos “masculinizantes”.

FIGURA 2. RECIFENSES DE SAIA/ELEMENTO CONTRASTE



FONTE: Elaborada pelos autores (Dados coletados em 2021).

Para Miranda, Cassoti e Chevitarase (2019, p.164), essa vontade por parte dos usuários de “masculinizar” seu visual, pode ser interpretada como uma tentativa de quebrar a regra simbólica do elemento feminino enquanto residência da fragilidade.

A “saia de homem” como materialidade dessa resistência mostra a negociação simbólica que busca o equilíbrio entre o feminino e o masculino, mas que ainda usa elementos masculinos como armadura e proteção. O preto, o reto, o pesado se sobrepõem e acrescentam o predicado ao sujeito saia nessa frase visual, possibilitando a transição onde o colorido, o babado, o suave forneceria um discurso de fragilidade que os empreendedores sociais não perdoariam (Miranda; Cassoti; Chevitarase, 2019, p. 164).

O homem com saia estaria, então, valendo-se do elemento contraste para fazer valer sua identidade masculina e, de algum modo, sustentar seu lugar dominante frente às mulheres e frente a algumas outras formas marginalizadas de homens, lembrando de que Kimmel (1997) apontava que mesmo as figuras de homens subalternos não deixavam de ter um lugar hegemônico nos seus micros espaços de atuação. Podemos dizer, então, que o *elemento contraste* funciona, para esses homens, como uma âncora que segura o poder da hegemonia masculina mesmo quando se veste uma peça de roupa considerada feminina.

Quando questionamos os participantes sobre os motivos para vestir uma saia, as respostas obtidas são variadas. Para alguns, usar o indumento é um ato de resistência, um ato político e uma forma de provar ao mundo que o homem também pode vestir a peça:

Acho legal, acho diferente. Usar saia é um ato de resistência, é tipo uma lição para as pessoas, é falar que você poder ser quem você quer (Balonê).

Uso porque eu posso. Para mim é uma forma de provar que não me sinto inferior. Uso saia porque me sinto empoderado, forte e livre. É um tapa na cara dos preconceituosos, dos ignorantes. Definitivamente é um ato político (Midi).

Já para outros, a saia é um meio de expressão. Uma peça que lhes permite experimentar novas formas de existência e ser quem eles realmente querem ser:

Quando tinha 18 anos e comecei a ter contato com outras pessoas me fez entender que a vida é diferente daquilo que eu fui criado vendo e me fez querer experimentar, nessa época comecei a usar saia para experimentar novas possibilidades de existência através da moda (Godê).

Acho que a saia, assim como outras peças de roupa, me permite ser quem eu sou de verdade, não sei explicar, mas com a saia me sinto mais autêntico, mais eu (Tulipa).

Os participantes também foram questionados sobre as dificuldades de usar saia na sociedade nordestina.

É sobre ser julgado o tempo todo. Sobre as pessoas esperarem certas atitudes de você só pelo fato de ter um pênis, as pessoas acham que você quer ser mulher só por usar uma saia, ou um salto alto. A sociedade tem muita dificuldade em aceitar as diferenças (Balonê).

Na cabeça da maioria das pessoas no Nordeste não existe lugar para novas possibilidades. Tudo é certo ou errado, negro ou branco, feminino ou masculino. Tudo é muito limitado. Faltam referências, falta cultura, falta leitura (Midi).

É complicado para a sociedade nordestina se desvencilhar daquilo que a gente foi acostumado e que os nossos avós e os nossos pais foram acostumados a ver e reproduzir porque o Nordeste era dominado por coronéis, era uma cultura muito machista e perdura até hoje, por uma questão de que boa parte das pessoas da cidade são religiosas e condenam tudo o que está entre ser homem e mulher (Godê).

Os entrevistados não relataram eventos específicos de discriminação; no entanto, também destacaram o fato de que, como consequência do medo e para evitar agressões, eles

vestem saia apenas em espaços sociais legítimos para pessoas com identidades estigmatizadas. Segundo eles, mesmo nestes lugares, existe uma resposta negativa à imagem de um homem vestindo saia.

Sempre rolam os olhares preconceituosos e também nunca falta quem olha e da risada (falando das reações quando ele usa saia). (Balonê).

Essa situação narrada pelos entrevistados, onde discorrem sobre a dificuldade que a sociedade nordestina tem de aceitar as diferenças e a necessidade de exigir determinadas atitudes dos homens, ganha sentido nas palavras de Albuquerque (1999) quando diz que uma postura viril repercute no *status* social dos indivíduos nordestinos. Para o autor, masculinidade e macheza ainda são sinônimos de respeito no Nordeste. Isso explica as dificuldades que qualquer indivíduo que fuja do padrão hegemônico pode enfrentar:

As pessoas foram educadas dentro de uma cultura machista, que se desenvolve em volta do homem, do chefe da família. É difícil se desconectar dessa realidade, pois a maioria das pessoas nem percebe o machismo estrutural que domina as nossas relações. (Tulipa).

Finalmente, questionou-se os sujeitos sobre a opinião das suas respectivas famílias sobre a ideia de eles vestirem uma saia. A maioria respondeu que não usa a peça na frente da família, pois prefere evitar um constrangimento desnecessário:

Procuro que não me vejam usando roupa ou acessórios femininos e eu nunca saí com eles para rua ou para canto nenhum de vestido ou saia. Eu não ficaria confortável e eles também não (Balonê).

Demorou para eles entenderem que eu não sou um travesti. Que sou só um homem usando saia (Midi).

Prefiro evitar esse estresse (Tulipa).

A sensação de constrangimento, medo ou estresse que os entrevistados relataram sentir com suas respectivas famílias parece contraditória com o que responderam quando questionados sobre suas motivações para vestir uma peça de roupa considerada feminina. Se, conforme suas próprias palavras, usar uma saia representa um ato de resistência, um meio de expressão e uma fonte de poder frente a uma sociedade intolerante, o que leva esses sujeitos a mudarem essa atitude nos seus núcleos familiares? Por que, como extraído das entrevistas, usar uma saia pode ter um impacto negativo na dinâmica familiar?

Se eu vou sair de saia para rua e isso vai causar um impacto negativo para os meus pais, eu quero que eles saibam primeiro (Godê).

Para Santa Rosa Matos (2013), não é possível interpretar a família nordestina contemporânea sem considerar a história da região. O autor coloca o discurso da seca, tão representativo do Nordeste, como essencial na elaboração imagética e identitária da sociedade nordestina, e como pedra fundamental na formação histórica da estrutura familiar dessa região. Seguindo essa premissa, as famílias nordestinas se estruturam em torno das mesmas categorias sociais arquetípicas da sociedade: seca, religiosidade, tradição e violência.

No arranjo familiar nordestino, homens e mulheres têm lugares e papéis definidos, inculcados desde muito cedo através da educação familiar, onde os códigos de gênero são internalizados como se fossem coisas naturais. Como visto nesta pesquisa, transgredir essa regra continua a ser um desafio.

Considerações

Através deste estudo, identificamos que os homens recifenses que se exibem vestindo saia são homossexuais, majoritariamente brancos. Também foi constatado que o uso da peça acontece em locais “discretos”, que despertam, nos indivíduos, um sentimento de identidade e convivência que brinda certa proteção contra atitudes agressivas. Analisamos o conjunto visual dos usuários de saia e identificamos, na vestimenta, o que denominamos *elemento contraste*, que os ajuda a fazer valer sua identidade masculina e, de certa forma, a sustentar um lugar dominante.

Reafirmamos que exposições públicas utilizando o indumento continuam escassas e que as circunstâncias que acompanham o ato de vestir a peça estão ligadas ao contexto, à educação e à cultura local.

Com base nas discussões teóricas, fizemos uma análise do usuário e conseguimos entender um pouco mais sobre os obstáculos que enfrentam ao optar por usar uma peça de roupa considerada feminina. Foi possível observar que a macheza é um elemento que influencia no status social dos indivíduos da cidade e que atos transgressores, como vestir peças que ainda são associadas ao gênero feminino ou à homossexualidade, ainda são atemorizadores por representarem um risco de agressão para os usuários.

A nossa pesquisa expôs o peso da cultura patriarcal que a região ainda carrega. Os estereótipos arraigados na cultura local deixam pouco espaço para explorar novas formas de ser homem. As análises e os resultados obtidos mostram que, na cidade de Recife, aqueles que se aventuram a viver sua liberdade através da vestimenta, precisam lutar contra todo um modelo construído historicamente como severamente machista.

Acreditamos que este tipo de pesquisa é importante para identificar a raiz de problemas sociais e viabilizar mudanças para uma sociedade mais igualitária. Confiamos que os resultados aqui apresentados possam ampliar o debate e a reflexão em torno das masculinidades subalternas e suas dificuldades, e contribuir para que, cada vez mais, profissionais da moda e pesquisadores das Ciências Sociais possam intervir assertivamente, estabelecendo estratégias de ação para facilitar o processo de interação social entre diferentes perfis de pessoas.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval. **Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino** (Nordeste 1920/1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JR, Durval. **Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino**. São Paulo: Proj. História, 1999.

ALBUQUERQUE JR, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

ANDRADE, Vivian Galdino. **Laços entre a História e a Tela: a forjadura da identidade do “cabra-macho” do Nordeste**. In: I Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais, 2007, João Pessoa. I Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, p. 01-10, 2007.

BADINTER, Elisabeth. **XY, la identidad masculina**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

BASE DE DADOS DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **População residente, por cor ou raça, situação e sexo**. 2015. Disponível em <http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=1031&Cod=3> Acesso em 23 mar. de 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

CONNELL, Robert. **La organización social de la masculinidad**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1995.

FEITOSA, Zeilton. **Mulher macho, sim, senhor**. São Paulo: Cortez, 1980.

FERNANDES, Me. **Memória Camponesa**. Anais da 21 Reunião Anual de Psicologia, SPRP, Ribeirão Preto, 2015.

FERRAZ, Claudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos de redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun./set. 2019.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Pernambuco é o oitavo estado mais violento para a população LGBT**. 2018. Disponível em <<https://www.folhape.com.br/noticias/pernambuco-e-o-oitavo-estado-mais-violento-para-a-populacao-lgbt/81477/>>. Acesso em 25 mar. 2021.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOMEZ, Elizabeth. **Nem anjos, nem demônios: homens comuns: narrativas sobre masculinidades e violência de gênero**. Unicamp: Campinas, 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
KIMMELL, Michael. **Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la entidad masculina**. Santiago: Flacsois Internacional, 1997.

LEITÃO, Carla. **A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação**: planejamento, execução e análise. 2021. Disponível em: <<https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>>. Acesso em 15 dez. 2022.

MIRANDA, Ana Paula de; CASOTTI, Leticia; CHEVITARESE, Leandro. Saia de homem como discurso de poder. **Dobras**, n. 26, v. 12, 2019.

MONTESINOS, Rafael. **La masculinidad ante una nueva era**. México: El cotidiano, vol.18, 2002.

NEVES, Frederico de Castro. O nordeste e a historiografia brasileira. **Ponta de Lança**: revista eletrônica de história, memória & cultura, Fortaleza, v. 5, n. 10, p. 6-24, out. 2013.

PEREIRA, Severino; AYROSA, Eduardo. **Estigma, consumo e identidade de gênero entre gays**. Florianópolis: ANPAD, 2010.

PONTES, Beatriz Yolanda. **Com que roupa você vai para aquela festa?** O consumo e seus desdobramentos sociais entre os jovens homossexuais no Recife. Recife: Dialética, 2020.

SANTA ROSA MATOS Marcos. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: Indústria da seca e deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil. Nômadias. **Critical Journal of Social and Juridical Sciences**. Madrid: 2013

SEIDMAN, Irving. **Interviewing as Qualitative Research**: a guide for researchers in education and social sciences. 4th Ed. New York: Teachers College Press, 2013.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia, In: Estudos Feministas, 2001.

Agradecimentos

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

Revisora do texto: Maria Gabriela Wanderley Pedrosa, mestre em Estudos Literários (UFPE).
E-mail: mariagpedrosa@gmail.com